



RESENHA: CAMINHA, Iraquitan de O. *10 lições sobre Merleau-Ponty*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019, 111p (Coleção 10 Lições) [ISBN 978-85-326-5956-9]

10 Lições sobre Merleau-Ponty

10 Lessons on Merleau-Ponty

LEONAN FERRARI FELIPIN¹

A prestigiada *Coleção 10 Lições*, da Editora Vozes, se propõe a abrir horizontes ao leitor sobre grandes pensadores. No volume dedicado a Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), é o professor-escritor Iraquitan de Oliveira Caminha quem se ocupa com excepcionalidade dessa tarefa. Segundo o autor, “o sentido primeiro de nossa condição de ser no mundo pelo corpo” (CAMINHA, 2019, p. 7) é o pano de fundo dos estudos do filósofo, como podemos constatar na dezena de lições. Com isso, nosso ofício, no que permite este gênero literário é, especialmente, convidar à leitura.

Em *Vida e Obra, Primeira Lição*, Caminha situa Merleau-Ponty na sua condição histórica e biográfica. Francês de Rochefort-sur-Mer, o emblemático pensador nasceu em 1908, às portas da Primeira Guerra Mundial e faleceu aos 53 anos em Paris. Não foi por acaso que Paul Ricœur (1913-2005) escrevera em homenagem à memória do filósofo que “o inacabamento de uma filosofia do inacabamento é duplamente desconcertante” (RICŒUR apud CAMINHA, 2019, p. 21). Caminha resgata, ainda, o amor de Merleau-Ponty à verdade, segundo o relato de Simone de Beauvoir (1908-1986), pensadora sempre presente na vida do filósofo. Merleau-Ponty, influenciado pela fenomenologia de Edmund Husserl (1859-1938) e de Martin Heidegger (1889-1976), no seu projeto de retornar às coisas mesmas, publica em 1945 aquela que virá a ser a sua obra magna, *Phénoménologie de la perception*. “Para o filósofo, perceber não é uma pura sensação e nem tampouco um julgamento intelectual, mas a experiência de se dirigir, intencionalmente, ao mundo pelo corpo”

¹ Graduando em Psicologia pela Universidade Federal do Paraná. E-mail: leonan.felipin@ufpr.br

(CAMINHA, 2019, p.19). Assim, a Filosofia, encarregada desse retorno originário, é, como parafraseia o autor, “a perpétua experiência de reaprender a ver o mundo” (CAMINHA, 2019, p. 22).

Diante disso, na *Segunda Lição, Fenomenologia e existência*, o autor apresenta a fenomenologia como o método de que Merleau-Ponty se utiliza no empreendimento de “compreender o corpo enquanto próprio ou vivido” (CAMINHA, 2019, p. 23). Na contramão da postura intelectualista e do empirismo objetivista – e diante de uma identidade entre aparecer e perceber –, o autor discorre sobre a constatação de uma característica do corpo, ímpar na natureza, já citada por Husserl e problematizada pelo francês, a saber, a “experiência da mão que toca e é tocada ao mesmo tempo” (CAMINHA, 2019, p. 24). Em bases dessa investigação, a percepção e a motricidade vão se desenhando no projeto do filósofo Merleau-Ponty como formas fundamentais de intencionalidade não representacional e que exigiriam, portanto, uma apuração fenomenológica detalhada. Ao contrário de Descartes (1596-1650), para Merleau-Ponty “o que importa, então, é evidenciar a experiência de perceber as coisas, e não o que elas significam de maneira clara e distinta” (CAMINHA, 2019, p. 30). Afinal, o que é preciso para revisitar a experiência da percepção?

Conforme Merleau-Ponty, *Percepção e corpo próprio* (título da *Terceira Lição*) estão intimamente ligados, o que exige perceber o fenômeno corpo segundo seu aparecimento. Corpo próprio à guisa de Merleau-Ponty, explica Caminha, não significa o corpo material, coisificado e naturalmente objetivo, como denota o vocábulo alemão *Körper*. Significa, ao invés disso, “uma existência indivisa que nós vivemos como uma vida que sempre nos pertence (*Lieb*)” (CAMINHA, 2019, p. 30, grifo nosso). Esse corpo que se é, condição de possibilidade para se habitar o mundo, “não é objeto, pois nunca está plenamente à distância, ou seja, ele nunca é objetivo para quem o habita” (CAMINHA, 2019, p. 33). Na situação de explicador, continua o autor: “o corpo é um “aqui” que se faz “ali”, o que quer dizer que o corpo é um centro global de referência a si mesmo, porém integrado no mundo” (CAMINHA, 2019, p. 35), cuja centralidade pode ser deslocada, em engajamento com esse mundo, a partir de nossa capacidade motriz. Ainda, nas palavras do filósofo, “o corpo próprio está no mundo assim como o coração no organismo: ele mantém continuamente, em vida, o espetáculo visível, anima-o e alimenta-o interiormente, e forma com ele um sistema” (MERLEAU-PONTY apud CAMINHA, 2019, p. 37).

Nesse sentido, a *Quarta Lição, Motricidade e comportamento*, tem muito a contribuir. De acordo com o filósofo, aponta o autor, “a intencionalidade do sujeito que se põe a perceber o mundo, por meio de sua motricidade, é originariamente um “eu posso”, e não um “eu penso”” (CAMINHA, 2019, p. 42). Assim, ao lado da percepção, como formas fundamentais de intencionalidade, “a motricidade não implica que uma consciência dirija um movimento que se desdobraria na extensão

como *partes extra partes*” (CAMINHA, 2019, p. 43), de modo que, segundo o filósofo, “meu movimento não é uma decisão da mente, um fazer absoluto, que decretaria, do fundo do retiro subjetivo, uma mudança de lugar milagrosamente na extensão” (MERLEAU-PONTY apud CAMINHA, 2019, p. 44). Perceber, por sua vez, é sempre pôr-se em relação, se abrir para algo, de modo que é a motricidade de nosso corpo o que nos possibilita galgar o espaço.

Na *Quinta Lição, Expressividade e alteridade*, o estudo centra-se na obra *Estrutura do comportamento* (1990) em que Merleau-Ponty, além de apresentar críticas ao empiricismo e ao intelectualismo, discute os escritos sobre *gestalt* (forma) para formular sua noção de estrutura. Como esclarece Caminha:

a Teoria da *Gestalt* comete o erro de colocar no mundo objetivo a rica noção de forma que, para Merleau-Ponty, possui uma natureza perceptiva. Nesse sentido, a forma é percebida pelo corpo e não uma coisa objetiva disposta no mundo objetivo. É desse contexto que nasce, de maneira original, o problema da expressão em Merleau-Ponty (2019, p. 49).

Isto posto, ainda que a noção de forma como um todo que não se reduz à soma das partes seja incipiente, Caminha frisa que o alvo da análise de Merleau-Ponty é o fenômeno da percepção e, nesse sentido, utiliza-se desse conceito não enquanto um substantivo-coisificado disponível no mundo objetivo, mas como movimento que visa mostrar a estruturação do comportamento, num sentido que extrapola essa caracterização anterior de forma (*gestalt*), articulando-a, sobretudo, enquanto “formação (*Gestaltung*) ou sua gênese” (CHARCOSSET apud CAMINHA, 2019, p. 52), sempre constituinte no campo perceptivo relacional corpo-mundo. Assim, na interpretação do autor, o filósofo chama a atenção para o “sentido de que tudo aquilo que aparece é uma unidade tensorial que estabelece relações com outras formas diferentes de si mesma, possibilitando considerarmos a existência de uma espécie de expressividade generalizada em tudo que aparece” (CAMINHA, 2019, p. 53). E, como as coisas se definem inicialmente por seu comportamento e não enquanto propriedade estática, tem-se aí a instauração do aparecer enquanto um processo dinâmico. De acordo com o filósofo, o percebido é sempre “efetivamente presente em “pessoa”” (CAMINHA, 2019, p. 55). Logo, a “percepção é, originariamente, uma experiência paisagística, e não geográfica, como se todo sujeito que percebe e toda forma percebida fossem sempre existências suspendidas em um espaço sobrevoado” (BARBARAS apud CAMINHA, 2019, p. 56). O aspecto da alteridade, segundo o autor, além de dizer respeito à categoria relacional entre percepção e aparecer, está entrelaçado ao papel da *Linguagem e do pensamento*, tema da *Sexta Lição*.

Segundo Merleau-Ponty, o aparecimento dos fenômenos tem uma significação anterior à natureza da linguagem. Esta, como explica Caminha, “não é suficiente

para revelar a pluralidade de modos de aparecer, que denominamos aqui de expressividade do mundo percebido” (CAMINHA, 2019, p. 59). Ou seja, nominar as coisas, e comunicá-las por uma rede de signos já pressupõe um mundo percebido – o que vai na contramão da noção de hipóstase linguística. No entanto, para além dessa operação nominativa, explica o autor, em terreno Merleau-Pontiano “a linguagem é, antes de tudo, gesto criativo do corpo que transfere toda sua gestualidade para o mundo com base em seus atos perceptivos” (CAMINHA, 2019, p. 59). O Corpo produz, nesse raciocínio, tanto a “fala falada” quanto a “fala falante”, de modo que a linguagem não é uma estrutura categorial à parte de um corpo falante; ao contrário, o corpo só fala porque está permanentemente no mundo perceptivo, que confere significado às simbologias da linguagem. Quanto ao pensamento, o filósofo segue um caminho similar, pois o pensamento também não seria entendido *a priori* à experiência perceptiva: “para serem pensadas, as coisas devem, em primeiro lugar, existir” (CAMINHA, 2019, p. 63). Logo, a percepção é “uma comunicação com o mundo mais velha do que o pensamento” (Merleau-Ponty apud CAMINHA, 2019, p. 63-4) e que a linguagem e, ainda, “assim como não há separação entre as percepções e as paisagens perceptivas do mundo, também não há cisão entre a fala e o pensamento na instauração da linguagem” (CAMINHA, 2019, p. 65).

Já no instrutivo estudo da *Sétima Lição, Silêncio e mundo sensível*, Caminha marca como a nossa experiência perceptiva é inevitavelmente atada à existência do mundo. “Eu posso fechar os olhos, tampar os ouvidos, mas eu não posso cessar de ver, pelo menos o preto dos meus olhos, de ouvir, pelo menos o silêncio” (MERLEAU-PONTY apud CAMINHA, 2019, p. 67); fechar os olhos, então, não é fechar-se ao mundo, mas alterar dinamicamente nossa relação perceptiva com o mundo. Em nossa experiência sensorial de uma melodia musical, filme ou pintura, a expressividade do artista está no campo de compreensão do movimento do aparecer das formas percebidas, cujo resultado dessa percepção não são partes justapostas de notas musicais ou imagens; há um inseparável nelas e um silêncio que as permite aparecer sozinhas. Como o sujeito é sempre um corpo, “não tem consciência que não seja sustentada por seu engajamento primordial na vida e pelo modo desse engajamento” (MERLEAU-PONTY apud CAMINHA, 2019, p. 72). Assim, na intimidade desse envolvimento, “para que percebamos as coisas, precisamos vivê-las” (CAMINHA, 2019, p. 73-4). No entanto, adverte o filósofo, “viver uma coisa não é nem coincidir com ela, nem pensá-la de uma parte a outra” (MERLEAU-PONTY apud CAMINHA, 2019, p. 74). Com isso, a aparência sensível do mundo sensível e sua persuasão silenciosa “é o único meio do ser manifestar-se sem se tornar positividade, sem cessar de ser ambíguo e transcendente” (MERLEAU-PONTY apud CAMINHA, 2019, p. 75).

Nesses compassos, é nos meandros da discussão da experiência do mundo sensível que se situa a *Oitava Lição, Logos e estética*. Para o fenomenólogo francês, tanto a filosofia como a arte são a realização de uma verdade no mundo, onde já se encontra uma razão (*logos*) preexistente. Esta é o próprio mundo e não uma consciência ordenadora que participaria de um *eido* eterno. Consequentemente, mais antiga do que a consciência é a percepção e, ainda mais velho do que essas, o mundo. Porém, o que dizer do mundo sensivelmente artístico? Na tentativa de resolver o hiato existente entre a subjetividade, que cria uma obra de arte, e o mundo percebido, que é revelado nessa criação, Merleau-Ponty entende que a criação estética não se trata de uma representação. “O sujeito da sensação não é um pensador que nota uma qualidade, nem um meio inerte que seria afetado ou modificado por ela; ele é uma potência que co-nasce junto a um certo meio de existência ou se sincroniza com ele” (MERLEAU-PONTY apud CAMINHA, 2019, p. 78). Então, a arte é sempre um tipo de comunicação com o mundo e não um projeto descolado da existência. Com isso, sobretudo a partir das obras de Cézanne (1839-1906) – pintor pós-impressionista francês –, Merleau-Ponty nota que o artista quer fazer aparecer em suas telas, em vida nova, a própria natureza. Descreve o filósofo: “quando eu observo o verde brilhante de um vaso de Cézanne, ele não me faz pensar na cerâmica, ele a apresenta a mim” (MERLEAU-PONTY apud CAMINHA, 2019, p. 79). Vaso, pôr-do-sol, arco-íris, fantasias, pessoas, amor, Deus, bem como a expressão dos demais entes configura uma tarefa infinita. Tanto o artista como o filósofo são marcados pelo inacabamento, que também “encontra toda sua força no entrelaçamento permanente entre *sentir e subjetividade*” (CAMINHA, 2019, p. 84, grifo nosso), título da *Nona Lição*.

A problemática do filósofo, nesta ocasião, é perscrutar “como o corpo que percebe se constitui, originariamente, sujeito por meio da experiência de sentir” (CAMINHA, 2019, p. 85). Em contrapartida ao empirismo (em que o acesso ao mundo se dá por meio das sensações, partículas impessoais de um mundo objetivo e inteiramente dado) e ao intelectualismo (cujo sujeito da percepção é um ego transcendental, independente do mundo, por isso objetivo, que representa-o), em Merleau-Ponty “toda experiência perceptiva se faz invariavelmente por meio de um campo perceptivo sempre presente e atual, que é vivido intensamente pelo corpo atado ao mundo” (CAMINHA, 2019, p. 86). Esse corpo, sujeito que percebe, já é sempre em um horizonte mundano, isto é, não o abandona enquanto percebe. Logo, diferente de uma ideia clara e distinta das coisas, a percepção Merleau-pontiana é sempre “marcada por falha, descontinuidade e indeterminação” (CAMINHA, 2019, p. 86). Enquanto experiências, aponta o autor, as sensações (cores, texturas, sabores e sons) não são qualidades de objetos que supostamente sentiria “de maneira dissociada das condutas de meu corpo que se dirige para o mundo visando percebê-lo” (CAMINHA, 2019, p. 87); ou seja, há sempre um corpo que as sente e, em sua originalidade, o corpo constitui-se como “um conjunto de significações vitais ligadas

à motricidade” (CAMINHA, 2019, p. 87). É por isso que esse corpo, no que lhe tange, realiza o movimento de se dirigir ao mundo também pelo sentir. Ainda, nesse corpo que se faz sujeito, há a iminência da reversibilidade, como explica Caminha: “aquele que pode ver alguma coisa pode também ver a si mesmo” (2019, p. 91). No entanto, essa reversibilidade nunca se concretiza plenamente por conta da indivisão primordial que existe entre meu corpo que sente e o mundo sensível. Nesse terreno ambíguo, “o corpo é presença a si pela ausência de si. Tal estranheza é fruto de sua condição existencial de abertura para o mundo e fechamento para si. Por causa desse paradoxo, Merleau-Ponty propõe substituir o conceito de corpo pelo conceito de carne” (CAMINHA, 2019, p. 92).

Por sua vez, *Carne e ontologia*, é o tema da *Décima Lição* que coroa o livro de Caminha. Segundo o autor, é através do conceito de carne que o fenomenólogo irá “superar a clivagem ou dicotomia sujeito/objeto, considerando a experiência originária do sentir” (CAMINHA, 2019, p. 93). Desse modo, para Merleau-Ponty, não há uma separação clara entre o dentro (sujeito) e o fora (objeto), pois nesse sentido se entenderia um corpo dentro do corpo. O filósofo preserva, ao contrário, a unidade de nossa experiência no mundo, ou seja, “a carne é o nome que Merleau-Ponty escolheu para dar ao ser. Ela é, para ele, o princípio de indivisão e o estofo comum a todos os seres” (CAMINHA, 2019, p. 96). Enquanto “tecido comum do mundo e do corpo, [a carne] abre uma perspectiva filosófica para se pensar nossa coesão secreta e permanente com o mundo sensível que revela os nossos desejos mais secretos” (CAMINHA, 2019, p. 99). Por isso, a atividade do filósofo precisa estar sempre afinada com o sensível, “ressensorializada”.

Enfim, no balanço do exposto, o autor frisa que, na origem, o que constitui a nossa existência é o sentir, não o pensar. “Sinto, logo existo” (CAMINHA, 2019, p. 101) no mundo pelo corpo. Assim como para Merleau-Ponty a Filosofia é uma interrogação perene, o filósofo também se consagrou como perene no estudo da condição do homem no mundo em bases fenomenológicas. Desse modo, este recente trabalho do professor Caminha é um verdadeiro presente aos leitores de língua portuguesa, sobretudo aos que se iniciam nos estudos do campo fenomenológico-existencial. Reaprender a ver o mundo é uma tarefa incessante e, como defende o autor, ainda mais atual em tempos em que o valor da vida é questionado² e os sentidos de viver urgem serem reformulados.

Submissão: 28. 05. 2020 / Aceito: 30. 05. 2020

²Esta resenha foi escrita durante a pandemia da Covid-19, em tonalidade de resistência aos ataques que o direito à vida enfrenta no Brasil e no mundo.